

## UM MUSEU PODE SER TERAPÊUTICO?

MESSIAS, ANDRÉA CUNHA<sup>1</sup>; DITTGEN, TÂMARA FERRO<sup>2</sup>;  
RIBEIRO, DIEGO LEMOS<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pelotas - 1- andrecmessias@hotmail.com

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pelotas – 2- tamaradittgen@hotmail.com

<sup>3</sup> Universidade Federal de Pelotas – dlrmuseologo@yahoo.com.br

### 1. INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo discutir a relação empreendida entre o Museu Histórico de Morro Redondo e os senis, tendo como aporte conceitual os usos terapêuticos que podem assumir os museus. Essas ações, que estão no escopo da comunicação museal, partem da necessidade de tornar os museus acessíveis atitudinal e cognitivamente, indo de encontro à ideia, que ainda paira no senso comum, de que o museu é lugar de morte e congelamento do passado. Os idosos, geralmente alijados das ações oferecidas pelos museus, por sua vez, em razão de sua vitalidade e vontade de narrar suas memórias, trazem vida e dinamismo a esses espaços. Do mesmo modo, e ao mesmo tempo, colaboram para delinear as memórias e as identidades tanto individuais quanto as partilhadas coletivamente.

As primeiras reflexões sobre o sentido terapêutico dos museus tiveram como inspiração artigo confeccionado na disciplina Conservação e Preservação II, do Curso de Bacharelado em Museologia. Nesta, fomos convidados a pensar a conservação de bens culturais. Diante das propostas que já estávamos desdobrando no Museu, lançamos a seguinte questão: o que conservamos nos museus, objetos ou memórias? Em outros termos, a que serviria a conservação, senão para as pessoas a quem o Museu serve, ou deveria servir? Por esse enfoque, acreditamos aqui que, em realidade, os museus deveriam estar interessandos em preservar vidas, e em nosso caso, designadamente dos idosos da Cidade.

As reflexões supracitadas, que partiram do ensino, ganharam dimensão ainda maior no projeto de extensão intitulado: “Museu Morrorredondense - Espaço de memórias e Identidades” que é desenvolvido na Instituição. Em um diálogo com membros da Associação Amigos da Cultura, do Conselho Municipal de Idosos, educadores das duas redes de ensino, representantes da Prefeitura Municipal e membros das comunidades foi sugerido por uma das educadoras presente que fosse realizado um evento mensal envolvendo senis e idosos através de um café - momento muito apreciado por todos por oportunizar interação. Após votação, foi escolhido o nome da atividade objeto do presente trabalho: o “Café com Memórias”.

Buscando potencializar os efeitos positivos para os participantes do Café com Memórias, foi formada uma parceria entre o Curso de Museologia e o Curso de Terapia Ocupacional, ambos da Universidade Federal de Pelotas, para que as atividades planejadas tivessem um suporte prático e teórico mais abrangente ao contar com a participação efetiva de um profissional da Terapia Ocupacional nos eventos realizados, visando contribuir para o enfrentamento da senilidade.

A literatura médica configura a senilidade como um quadro natural de perda de memória ocasionada por múltiplos fatores e que provoca alterações neurofisiológicas, podendo levar à demência. O quadro pode vir acompanhado por depressão e isolamento social. O acolhimento e as atividades de socialização que

vem sendo desenvolvidos pela equipe do Museu Histórico de Morro Redondo, localizado à Serra dos Tapes - RS, tem trazidos resultados positivos que serão elencados posteriormente.

O Café com Memórias utiliza objetos museológicos como elementos sociotransmissores (CANDAU, 2009), que serviram de nexos entre as pessoas e as memórias, substrato para o forjamento das identidades sociais. Através deles, muitas memórias são evocadas, entrelaçando histórias individuais e compondo uma rede de memórias partilhadas entre os membros do grupo, que são manifestadas em forma de relatos orais, danças, músicas, reprodução de brincadeiras e de festejos acontecidos no município. Nesses eventos são cingidos no mesmo tecido, memórias individuais e coletivas. Partindo dessa premissa, concordamos com Figurelli, Ribeiro e Messias (2016), ao afirmarem que:

“O conceito de memória pode ser deslocado, na mesma medida, para o contexto da memória coletiva. Desta mirada, Halbwachs (1990) compreende a memória como fenômeno social, mesmo porque o sujeito nunca está sozinho. Essa afirmativa nos faz pensar que a construção do indivíduo só pode ser compreendida em contexto, de um prisma relacional, indissociável, portanto, das expressões culturais. Permite-nos pensar, também, que a construção, reconstrução e evocação das memórias e a própria arquitetura das narrativas, ganham sentido quando realizadas em comunhão com outras pessoas, em sinergia com suas extensões materiais e simbólicas (cultura material), inseridas em um cenário propício para este fim. O exercício da memória, assim, ganha potência ao ser trabalhada de forma solidária”.

Nesse sentido, o Café com Memória presta-se a esse objetivo: conectar vidas através da biografia dos objetos museológicos e, partindo das lembranças evocadas em conjunto, fortalecer memórias, embasadas em estratégias que favorecem a reminiscência – processo utilizado pela Psicologia para recuperar experiências pessoais que são utilizadas para fins terapêuticos (LOPES, AFONSO, RIBEIRO, 2014). A Terapia Ocupacional denomina estratégias de reminiscência como “revisão de vidas” (PEREZ & ALMEIDA, 2010) por acreditar que os trabalhos desenvolvidos em grupo potencializam as memórias e auxiliam no processo de melhoria do estado de vida do paciente. Ao lançar mão de vários estímulos, dentre eles, as atividades expressivas, a reminiscência torna-se um recurso eficaz para acessar a história de vida desses sujeitos e, no mesmo compasso, favorece a difusão das suas vivências.

Com o desenrolar das atividades observou-se que o objetivo inicial da pesquisa poderia abranger diferentes focos, dentre eles desenvolver estratégias de documentação que extrapolassem o já cansado ritual burocrático baseado na descrição de objetos e na confecção de fichas. Por compreender que as memórias são fluidas, condicionadas pelo tempo em que ocorrem e culturalmente orientadas, imaginamos que a documentação museológica deveria abrir caminhos para registrar não apenas a realidade epidérmica dos bens, mas sobretudo se apropriar das narrativas evocadas do Café com Memórias. Em outros termos, significa pensar uma estratégia de documentação que acompanhe a dinâmica do Museu. Do mesmo modo, desafiou a equipe do projeto a pensar formas de aprimorar o diálogo intergeracional, envolvendo idosos e crianças, de sorte a efetivar a troca de saberes e a construção de conhecimentos. Para tal, criou-se a demanda de ampliar as fronteiras disciplinares da Museologia, aproximando-se da

Terapia Ocupacional, em prol de um bem comum: preservar as pessoas por detrás dos objetos.

## 2. METODOLOGIA

Ao planejarmos as atividades do Café com Memórias, buscamos apoio em ARAÚJO et al. (2005) ao afirmarem que a formação de grupos de terceira idade pode criar espaço propício para estabelecer trocas e promover a escuta. Possibilita, na mesma medida, o desenvolvimento de redes psicossociais que auxiliam no enfrentamento das enfermidades psíquicas, orgânicas e sociais decorrentes do envelhecimento. Em suma, ações como as referidas acima podem colaborar para o esmaecimento de estereótipos e a ressignificação do lugar que o idoso ocupa na sociedade contemporânea – não raro, associado à impotência frente à fragilidade.

Em relação ao Café com Memórias, vale ressaltar que, em todos os encontros, os idosos elaboram um alimento a partir de uma receita familiar que era consumida e apreciada durante a infância deles; mesmo o café é servido em objetos afetivos trazidos por eles mesmos, com o intuito de potencializar a rememoração através da relação sensorial. O término das atividades respeita uma vontade do grupo ao dar-se sempre com música e dança protagonizados pelos participantes.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante o primeiro Café com Memórias, acontecido em novembro de 2015, os idosos relataram fatos e memórias relacionadas ao início da urbanização de Morro Redondo. Nos encontros posteriores, a mesma temática continuou a evocar memórias e os Cafés realizados até o mês de maio resultaram na inauguração da exposição “Água, Memória e Vida”, durante a 14ª Semana de Museus.

No mês de Junho de 2016, os idosos participantes do Café com Memórias trouxeram informações e narrativas sobre os festejos juninos no município, o que deu origem a uma atividade denominada “Mateada Junina no Museu”.

Em Julho, o Café com Memórias trabalhou com a temática “Brincadeiras e Brinquedos de Infância”. Mais uma vez, foi intensa a interação entre os participantes trazendo muitas contribuições de referências culturais e de memórias coletivas.

Em todos os encontros realizados, constatou-se que manipular os objetos rurais, ouvir a música de bandinhas alemãs tocada por alguns idosos e dançar são os principais fatores que incitam a participação de um senil que é assíduo do Café com Memórias e um dos fundadores do Museu.

Refletindo sobre as questões de preservação no referido contexto, busca-se, através do prosseguimento das atividades, encontrar soluções ou encaminhamentos para as dúvidas que tem assolado os membros do projeto, principalmente no que diz respeito à adoção de procedimentos museológicos e museográficos adequados ao Museu. Ancorados em Ribeiro (2016. No prelo), concordamos que:

“O fenômeno de formação de coleções nos aponta para questões centrais para compreender o campo dos museus: 1. os museus adquirem, salvaguardam e comunicam “coisas” e informações correlatas; 2. essas “coisas” no contexto museal assumem função de suportes de memórias individuais e coletivas, e servem para

afirmar ou refutar identidades; 3. o que é preservado nos museus não é apenas a materialidade das coisas, mas sobretudo as memórias que são fixadas nestas; 4. a museologia, no campo teórico, dedica-se a estudar a justaposição relacional entre as pessoas e as coisas em determinado contexto; 5. a partir da compreensão desta relação, em seu caráter aplicado, desenvolve processos técnico-científicos que transformam “coisas” em patrimônio.

O Museu Histórico de Morro Redondo entende ser de primordial importância preservar as pessoas através de suas memórias enquanto referências culturais do local e não apenas destinar esforços na preservação dos objetos, por perceber que preservar memórias é preservar a vida e que um Museu é um local propício para este fim.

#### 4. CONCLUSÕES

A participação e o reconhecimento dos moradores em relação às atividades realizadas, bem como as observações sobre os participantes durante os encontros mensais, demonstram a relevância de um trabalho interdisciplinar. Aponta também para a necessidade de continuação de propostas destinadas aos idosos de Morro Redondo ao sinalizarem que reminiscências que trazem os objetos museológicos, enquanto evocadores de memórias, tem surtido resultados positivos, embora iniciais, no sentido de potencializá-las, tanto no aspecto individual quanto no coletivo.

Os trabalhos em desenvolvimento no Museu Histórico de Morro Redondo têm desafiado a equipe a repensar os métodos e as técnicas museográficas destinadas à espaços que adotam a parceria e, sobretudo, o protagonismo comunitário como foco das suas ações.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, L. F.; COUTINHO, M. P. L.; CARVALHO, V. A. L. Representações sociais da velhice entre idosos que participam de Grupos de Convivência. **Psicol. Ciên. Profissão**, v. 25, n. 1, p.118-131, 2005.

CANDAU, J. Bases antropológicas e expressões mundanas da busca patrimonial: memória, tradição e identidade. **Revista Memória em Rede**, Pelotas, v.1, n.1 jan/dez. 2009, p.43-58.

FIGURELLI, G.R.; RIBEIRO, D.L.; MESSIAS, A.C. **Memória, senilidade e museu**. 2016, 15p. [submetido para publicação].

PEREZ, M.P.; ALMEIDA, M.H.M. O processo de revisão de vida em um grupo como recurso terapêutico para idosos em Terapia Ocupacional. **Rev. Ter. Ocup.** Universidade de São Paulo, v.21, n.3, p.223-229, set./dez. 2010.

RIBEIRO, Diego Lemos. Delineamentos da Museologia no campo das Ciências Humanas. In. *Cadernos Pedagógicos – A Fronteira pelos fronteiriços*. Organizado pelo Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos, Universidade Federal de Pelotas. 2016. No prelo.